

# ANÁLISE DE NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS PRESENTES EM *QUERÔ* – UMA REPORTAGEM MALDITA, DE PLÍNIO MARCOS

Ruy Maurício Azevedo Morato (UFMG)  
[ruymorato@hotmail.com](mailto:ruymorato@hotmail.com)

## 1. Introdução

O processo de formação de novas palavras conhecido como neologia semântica é pouco explorado pelas gramáticas tradicionais do português brasileiro. Rocha Lima, gramático tradicional que escreveu uma importante gramática normativa de nossa língua, sequer menciona, no capítulo 16 de sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* que trata dos processos de formação de palavras, esse processo. Somente no capítulo 31 que versa sobre estilística, no tópico sobre estilística léxica, o autor refere-se ao sentido conotativo das palavras, abordando a metáfora e a polissemia. Não fazendo, no entanto, um estudo específico sobre o processo em questão. Em nenhum momento faz nenhuma menção aos neologismos presentes na língua.

Evanildo Bechara, por sua vez, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, embora trate dos neologismos em seu capítulo sobre formação de palavras, não aborda o processo de forma direta e objetiva. O autor faz um interessante estudo no subtítulo *Alterações Semânticas*, porém, como já observado, não delimita e expõe claramente a neologia semântica. De modo geral, o processo, quando tratado pelos gramáticos tradicionais, é feito de maneira superficial e indireta.

Em virtude desse tratamento superficial dado pelas gramáticas tradicionais, os neologismos, e mais especificamente os de ordem semântica, ainda necessitam ser mais bem estudados. Além disso, esse tipo de neologismo é recorrente não só em obras literárias, pela sua grande capacidade expressiva, como também em outras es-

feras discursivas, como o discurso publicitário e, até mesmo, cotidianamente no discurso falado dos usuários do português do Brasil.

O objetivo deste estudo não é a coleta e análise de todos os neologismos semânticos presentes na obra de Plínio Marcos, pois esse tipo de estudo demandaria mais tempo e um trabalho de maior amplitude para ser concretizado. O que se propõe é analisar ocorrências desse processo de criação de palavras, visando demonstrar a frequência com que as mesmas ocorrem na obra, buscando, ainda, fazer especulações sobre os efeitos de sentido conseguidos pelo autor ao utilizar esse tipo de neologismo.

## 2. *Plínio Marcos e sua obra*

Plínio Marcos de Barros, natural de Santos no litoral paulista, nasceu em 1935. Autointitulado “repórter de um tempo mal”, o autor escreveu, durante sua vida, diversas peças teatrais e romances. De forma geral, suas obras retratam o submundo social existente na região portuária da cidade de Santos<sup>1</sup>.

*Querô – uma reportagem* maldita é uma dessas obras. Escrita em 1976, permanece ainda com uma temática bem atual. A obra retrata personagens marginais que, mesmo apesar de sua condição, possuem uma força poética que é explicitada por sua vontade de viver. O protagonista, que atende por Querô e dá título à obra, um adolescente filho de uma prostituta, torna-se órfão e passa a viver no porto de Santos. Para manter-se, Querô vive de pequenos delitos que culminam com sua morte. Exemplo típico de adolescente moldado pelo meio cultural no qual está inserido e do qual não consegue escapar.

Para retratar esse “mundo marginal” ou, melhor, “submundo”, Plínio Marcos traz para a obra o linguajar típico dos grupos sociais envolvidos na trama: prostitutas, delinquentes, menores encarcerados

---

<sup>1</sup> Os dados sobre Plínio Marcos e suas obras foram retirados do site [www.pliniomarcos.com.br](http://www.pliniomarcos.com.br)

na FEBEM, policiais e outros. Uma das maiores marcas de “realidade” da obra é, justamente, esse linguajar típico. Para isso, ele se vale de diversas unidades lexicais típicas desses grupos, e é isso um dos aspectos que conferem à obra uma característica verossímil.

### 2.1. Neologia e neologismo

O léxico, acompanhando a evolução cultural humana, “movimenta-se” o tempo todo. Para acompanhar as inovações culturais, a todo instante, novas palavras são criadas e outras deixam de ser utilizadas na língua, para atender às necessidades dos falantes. Tal dinâmica é um reflexo das mudanças sociais, pois o léxico é a parte mais sensível a essas mudanças. Segundo Ferraz (2006, p. 219), as línguas naturais vivas estão permanentemente mudando e é no nível lexical que essa mudança é mais perceptível.

Devido a essa dinamicidade lexical, é possível constatar que os neologismos irão aparecer constantemente na língua. Exatamente por esse fato, um estudo sobre os neologismos faz-se necessário e é, ao mesmo tempo, bastante interessante.

Neologia e neologismo são o processo e o produto, respectivamente. O neologismo, conforme Alves (1990, p.1), a palavra nova, é o que resulta do processo conhecido como neologia. O critério para identificação do item lexical como novo seguirá o do registro nos dicionários de língua. Para tanto, serão utilizados: (a) *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* – versão 2.0, de janeiro de 2007, da Editora Objetiva; (b) *Novo Dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0*, de 2004, da Editora Positivo; (c) Versão eletrônica do Michaelis Português – *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* – Versão 1.0, de fevereiro de 1998, da DTS Software Brasil.

A criação neológica se dá basicamente de duas formas (cf. FERRAZ, 2006; LEONEL, 1997): (i) diante da necessidade de nomear algum objeto ou ideia inédito na sociedade, nesse caso chamado de neologia denominativa e (ii) quando há o interesse pessoal para garantir uma maior expressividade no discurso, chamado de neo-

logia estilística. Embora a criação desta última forma, geralmente, não seja amplamente utilizada, pois normalmente está inserida em um contexto discursivo, seja ela em um determinado momento de fala ou literário, não pode passar despercebida.

Leonel (1997, p. 80) diz que “a criação neológica estilística funda-se na busca de expressividade na própria palavra ou no enunciado por meio da palavra”. Ainda segundo ela, esse processo é recorrente devido ao fato de “a criação neológica estilística ser construída pelos autores de maneira sistemática”. A busca pela expressividade conseguida por Plínio Marcos em sua obra é um dos objetivos desse trabalho.

## ***2.2. Neologia semântica***

Segundo Ferraz (2006, p. 221-222), os neologismos podem ser formados através de três diferentes processos: (i) a neologia formal, na qual a formação de novas palavras se dá através da utilização de recursos do próprio sistema linguístico, (ii) a neologia de empréstimos, na qual há o chegada e utilização de unidades de outro sistema linguístico e (iii) a neologia semântica, cujo processo reutiliza palavras já existentes na língua. Porém, conforme já frisado anteriormente, o tipo de neologismo que nos interessa no momento é o semântico.

Segundo Alves (1990), os neologismos semânticos, também chamados de neologismos conceituais, ocorrem sem que haja mudança na forma de unidades lexicais já existentes. Um acréscimo ou variação na carga semântica de uma palavra resulta em um novo produto. Através de diferentes tipos de processos estilísticos – como a metáfora, a metonímia, a utilização de uma determinada palavra pertencente a um vocabulário terminológico específico que, extrapolando-o, passa a fazer parte do vocabulário geral ou de outra esfera terminológica, e, da mesma forma, do vocabulário gírio, dentre outros – as palavras passam a assumir novos significados.

As palavras formadas por esse processo estão dicionarizadas, porém suas acepções são diferentes daquelas contempladas pelo dicionário. Ressalte-se que, como diz Carvalho (*apud* FREITAS, 1998, p. 4), é mais fácil para o sistema linguístico formar novas palavras através da mudança de sentido de uma palavra já existente do que construir novo item lexical. Leonel (1997, p. 82) nos lembra que a ocorrência de uma palavra monossêmica é rara, pois o próprio signo linguístico tem a função de “fazer face à multiplicidade de significações.”

Leonel, lembrando Guilbert (*apud* LEONEL, 1997, p.81), presume que ocorre uma nova junção entre um significado e um significante específicos, formando um novo produto que está fortemente ligado ao seu contexto linguístico de surgimento. Assim, a utilização de uma mesma palavra, com um novo significado passa a depender fortemente do contexto para a construção, por parte do receptor, de seu novo sentido.

Embora haja essa forte ligação com o contexto, os autores trazem ainda uma importante observação que ressalta a importância da palavra, mesmo quando ela está tão fortemente ligada ao contexto:

O mesmo autor [Guilbert] lembra que, para a análise estrutural, embora a estrutura de significação ultrapasse os *termos-objetos*, como a forma do conteúdo de significação depende de uma lexicalização situada no interior do universo significante, a palavra torna-se a unidade essencial da linguagem enquanto manifestação de significação. (LEONEL, 1997, p. 82)

### 3. *Processos de formação de neologismos semânticos*

Como já foram observados anteriormente, os principais processos formadores de neologismos semânticos são a metáfora, a metonímia, a transposição de um item terminológico – o termo técnico-científico – para outra esfera discursiva e, pelo mesmo processo, do item lexical pertencente à gíria. A seguir, procuraremos definir os quatro processos.

O *Dicionário do Português Contemporâneo*, organizado por Francisco Borba (2004, p. 914), define *metáfora* como sendo o “recurso linguístico que consiste em transferir o sentido de uma palavra para outra, como resultado de uma associação por causa de algum tipo de semelhança”. Para Bechara (2006, p. 397), a metáfora é uma “translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes, mas pela combinação se percebem também como assimilados.” O que podemos perceber pelas definições é, principalmente, que há uma transferência de significado por algum tipo de semelhança entre as unidades envolvidas no processo.

A definição de *metonímia*, segundo o mesmo dicionário (BORBA, 2004, p. 916), é o “expediente semântico pelo qual uma noção passa a ser designada por outra que lhe é contígua, tornando-se, então, o continente pelo conteúdo [...]; a causa pelo efeito [...]; o autor pela obra [...] etc.” Bechara (2006, p. 397), por sua vez, define-a como sendo a “translação de significado pela proximidade de ideias: (1) causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido [...]. (2) o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar [...]; (3) o todo pela parte ou vice-versa [...]; (4) a matéria pelo objeto [...]”, dentre outros. No caso da metonímia, cumpre observar que alguma característica particular que envolve um determinado elemento passa a designar esse elemento, sendo que, como observa Bechara, o contrário também pode acontecer.

Segundo Krieger e Finatto em seu livro *Introdução à Terminologia – teoria e prática* (2004, p.13), o *termo técnico-científico* é “a unidade lexical típica de uma área científica, técnica ou tecnológica”. No mesmo dicionário já citado (BORBA, 2004, p. 1350), a décima acepção de *termo* é “expressão particular de uma arte ou ciência.” Cumpre-nos salientar que o ponto comum e importante das duas definições diz respeito ao fato de o termo ser restrito a uma determinada área de conhecimento. O termo, ao ser transposto para outra esfera de utilização, pode ganhar nova carga semântica.

Ainda tomando como ponto de referência o dicionário organizado por Borba, a definição que encontramos para *gíria* é que essa palavra pode referir-se tanto à “linguagem especial usada por certos

grupos sociais”, quanto à “palavra ou expressão dessa linguagem.” Como o dicionário não nos dá a definição de forma direta do que é um item lexical do vocabulário gírio, podemos observar que ela nos é dada pela segunda acepção registrada. Segundo Souza (2009, p. 123), no artigo em que analisa a gíria dos homossexuais de Fortaleza, *gírias* são “linguagens especiais utilizadas, restritamente, por determinados grupos sociais”. Assim, da mesma forma que o termo técnico-científico, o item lexical do vocabulário giriático, quando extrapola o grupo social que o utiliza, pode tornar-se um neologismo semântico.

Tendo feito as considerações teóricas anteriores e lembrando que o objetivo do trabalho não é esgotar a análise da ocorrência de neologismos dessa natureza dentro da obra, passemos às análises.

#### 4. Análise

##### 4.1. Neologismos semânticos nominais

Os três primeiros neologismos analisados referem-se a nomes ou sintagmas nominais. O primeiro exemplo trata-se de adjetivo que continua a ser adjetivo, mas que adquire uma nova carga semântica. Quando Querô começa a narrar sua história para o repórter que o entrevistou no livro, ele inicia contando como ocorre a ocasião que gerou a gravidez de sua mãe:

O filho da puta do meu pai encheu de porra a filha da puta da minha mãe e se arrancou, deixando a desgraçada no “ora veja, tô *choca*”. Eu não cheguei a ver o jeito que tinha seu focinho. E, se o corno na hora que saiu largou a grana em cima da mesinha, acho que nem a vaca que me pariu olhou a fuça do bestalhão. (MARCOS, 1999, p. 3).

A palavra assinalada, *choca*, está registrada no dicionário Michaelis, como sendo o “período do choco”, que por sua vez tem no dicionário o seguinte registro “diz-se da galinha que está encubando”. Para analisarmos a palavra em questão, cabe ainda a transcrição de uma das acepções para a palavra *galinha*: “mulher (e às vezes homem) que se entrega facilmente”. Essa acepção da palavra *galinha*

já traz uma carga polissêmica adquirida através da metáfora, pois a galinha pode ser fecundada por mais de um galo.

O que observamos é o uso metafórico do item *choca* dada a semelhança entre o período de gravidez da mulher com o período de incubação da galinha. O ambiente no qual Querô foi criado é hostil e não faz concessões. Mesmo de sua parte, sua mãe é qualificada como galinha, piranha ou puta – termos chulos que designam as prostitutas. A força que esses adjetivos adquirem ao serem usados por ele traduz a violência que o rodeia.

O segundo exemplo, a seguir, a palavra neológica é um substantivo e conserva esse status, porém com outra carga semântica:

Queriam quebrar a bosta da igreja, pra fazer uma bosta de estação de trem. Começaram a derrubar a bosta da igreja e a bosta da santa não quis sair da bosta do altar. Foi um *cu* pra conferir. Meteram picareta e tudo o mais. Mas a bosta da santa não saiu do altar. Daí, espalharam que era milagre e deixaram a bosta da igreja com santa e tudo mais lá, mais a estação de trem também. (MARCOS, 1999, p. 5-6)

O dicionário Houaiss traz a seguinte acepção para a palavra *cu*: “orifício na extremidade inferior do intestino grosso, por onde são expelidos os excrementos; ânus, ano.” No mesmo dicionário, encontramos para a entrada *merda*: “coisa considerada como desprezível, sem valor, porcaria.” Note-se que, nesse caso, a palavra precisa de todo o contexto para que o leitor capte seu sentido, já que há toda uma associação da palavra *cu* com a palavra *merda*, para designar o problema, ou a porcaria, que não se resolvia. Nesse neologismo, podemos observar um processo metonímico, do qual o “produtor” é tomado como o “produto”, pois poderíamos substituir a palavra *cu* pela palavra *merda*, de acordo com a acepção anotada.

No terceiro exemplo, o substantivo assinalado mantém a qualidade de substantivo, mas adquire um significado bem particular e diferente do original:

Uma vez, eu trouxe boletim ruim. Já estava taludinho, no terceiro ano do grupo, repetindo pela segunda vez – eu não tinha cabeça pra aprender, não gostava da escola, uma porra, as coisas não entravam em mim. A velha cafetina resolveu me dar pancada. Eu já andava enjoado



desse troço. Já não suportava a cafetina fedorenta, que cada vez, ficava mais nojenta. [...] A velha grela, zonha de raiva, pegou um pau e veio curtir seu azar no meu lombo. Se entortou. Arranquei o pau da mão dela e, sem vacilar, mandei uma tremenda porretada na testa da vasa. Abri uma *boceta* na cara da Violeta. Foi sangue pra todo lado. Ela só não morreu porque coisa ruim não morre. (MARCOS, 1999, p. 8-9)

Como podemos verificar pelo dicionário Aurélio, *boceta* significa “vulva”, esta, por sua vez, significa, no mesmo dicionário, “parte externa dos órgãos genitais femininos, que inclui grandes e pequenos lábios, vestíbulo vaginal, etc.” É possível perceber que há alguma semelhança física entre a parte externa da vulva e um corte profundo. Influenciado pelo meio em que vive nessa época da vida, o prostíbulo, onde a parte externa do órgão sexual feminino está constantemente presente, Querô associa, metaforicamente, as duas coisas.

O próximo exemplo trata-se de item do vocabulário giriático de marginais, adotado por Plínio Marcos:

Dei uma olhada no revólver e depois disse baixinho:

– Tu já atirou com essa merda?

– Não. É novinha.

– Então vou tirar o cabaço.

E mandei ver. Dei no gatilho. O *arrebite* entrou bem na testa do Zulu, no meio dos bicos de luz da cara preta. Escutei o estouro do tiro e da cabeça do negritinho. (MARCOS, 1999, p. 75)

Os dicionários consideram a forma *arrebite* uma forma variante de *rebite*. Este, por sua vez, diz respeito a uma “pequena haste de metal, com cabeça cônica ou fendida em uma das extremidades, destinada a ser introduzida em um furo, de tal modo que a outra extremidade sobressaia e possa ser rebatida para formar nova cabeça” (HOUAISS, 2007). A semelhança entre a forma descrita pelo dicionário com o que conhecemos sobre a forma e a função de uma bala de revólver é muito grande. Por tratar-se de uma peça específica usada em determinadas profissões, pode-se verificar que rebite era – pois já está dicionarizado – um termo e, passando a outra esfera dis-

cursiva – a dos marginais – tornou-se um neologismo semântico. O trecho a seguir foi retirado de um processo criminal do estado do Mato Grosso:

Como bem registrou a Autoridade Policial, embora tenham procurado dialogar sempre em linguagem figurada, perquirindo sobre “ferramentas” (armas) e “rebite” (munição), fica clara a dissimulação, especialmente no diálogo travado em 07/11/2007 entre Escobar e Jeferson, quando este último, textualmente, afirma ter deixado a arma em casa. (JUSTIÇA FEDERAL, 2008, p. 5)

Ao longo do processo, na transcrição da fala dos envolvidos, a palavra *rebite* é repetida por diversas vezes e sempre conjuntamente com a palavra *ferramenta*, configurando-se, assim, como pertencente ao vocabulário dos marginais.

#### 4.2. Neologismos semânticos verbais

Os próximos exemplos têm como elemento principal um verbo que adquire uma nova carga semântica. Além disso, analisando-se esse novo significado, é possível perceber, sintaticamente, alterações quanto à utilização dos mesmos. Vejamos o primeiro:

Começou a juntar gente e eu dei o pinote. Sei que chamaram a ambulância. Levaram a Violeta para *remendar* no hospital. Sei que as mulheres, de ponta a ponta da Xavier, gozaram com a paulada que dei na cafetina. (MARCOS, 1999, p. 9)

O verbo *remendar*, segundo o dicionário Houaiss, com a acepção que remeta a consertar fisicamente algo, como é o caso da passagem anterior, diz “por remendos em; consertar, emendar.” Note-se, que nessa acepção, os três dicionários classificam o verbo como sendo transitivo direto e, em todos, os exemplos dados trazem um complemento não animado – uma calça, um texto etc. – para ele. Diferentemente, nessa passagem, o “remendo” será feito na cafetina Violeta, ou seja, um complemento animado, após a mesma ter sido vítima de um golpe desferido por Querô. O processo utilizado pelo autor é a metonímia, pois há semelhança entre “dar pontos” em uma pessoa e “costurar” uma peça de roupa rasgada, por exemplo.

O próximo exemplo, que já aparece na passagem anterior, pode ser melhor observado nessa outra passagem:

Quando *me pinoteei* da casa da putana velha perebenta, me juntei à curriola do Tainha. Aí, a gente fazia o que podia. (MARCOS, 1999, p. 9)

Para o dicionário Aurélio, o verbo *pinotear* significa “dar pi-note(s); saltar, pular escoiceando”. Nas duas passagens anteriores, é possível verificar que o verbo, na acepção usada, está ligado semanticamente aos verbos correr, fugir, escapar. Os três dicionários classificam o verbo como intransitivo, mas o agente sempre é um animal, diferentemente do que acontece nessa passagem, pois Querô é o agente dessa ação. Lembre-se que pinotear não é feito de forma mansa ou planejada, o animal sai em disparada, muitas vezes destruindo algo ou machucando-se na ação.

Observemos a passagem abaixo:

O perereco começou um dia em que eu, o Tainha e um negrão meio pirado da cuca, um tal de Bolacha Preta, estávamos no pontilhão das ca-traias no mercado, assim como quem não quer nada. De repente, *piou* na parada um *gringo bêbado*. Pela pinta do bruto, até um cego podia ver que se tratava de uma bichona loucona. (MARCOS, 1999, p. 9)

No dicionário Michaelis, *piar* significa “(1) dar pios (ave); (2) falar; (3) emitir, piando.” Os outros dicionários, Aurélio e Houaiss, trazem, ainda, outra acepção: “em jogo de cartas, dar a dica do jogo ao parceiro ou do próprio.” De qualquer forma, podemos perceber que elas nada têm a ver com acepção que pode ser compreendida a partir do texto, que significa “aparecer”, “surgir”. Nesse caso, não há nenhuma relação direta entre as definições ou seus agentes que possam ser usadas para explicar o processo usado na formação desse neologismo semântico. Podemos, no entanto, especular. Quando pensamos em “ouvir um pio”, nesse caso de ave, precisamos pensar primeiro em um ambiente em silêncio, no qual um “pio” “aparece”, surge do nada. Essa “aparição” pode remeter a alguma semelhança com o que se passa no trecho transcrito? Seria essa relação metonímica responsável pela nova acepção do verbo *piar*?

## 5. *Considerações finais*

É possível notar, pelos trechos apresentados, a riqueza neológica presente no léxico utilizado por Plínio Marcos, em *Querô – uma reportagem maldita*. Um estudo mais amplo e detalhado ainda está por ser feito na obra desse autor, que está repleta de neologismos de diversas naturezas, diferentemente do foco deste trabalho que procurou investigar parte dos itens lexicais neológicos semânticos.

Após as análises efetuadas, é possível perceber o caráter de violência presente nas palavras neológicas assinaladas. Mais do que uma nova carga semântica, os neologismos ganham uma força expressiva que remete o leitor a um mundo marginal e violento. Assim, os exemplos coletados *choca, cu, boceta, arrebite, remendar, pino-tear e piar* não teriam o mesmo efeito se fossem substituídos por *grávida, porcaria, ferida, bala, suturar, correr e aparecer*.

Outro fator importante a ser destacado das análises é que, embora a palavra seja o centro de expressão da violência na obra, como vimos no parágrafo anterior, o neologismo precisa ser analisado em seu contexto, evidenciando a relação que possui com outras palavras do sintagma, da frase ou mesmo do parágrafo do qual faz parte. Isto é, enquanto alguns sentidos são mais transparentes para o leitor isoladamente, outros precisam de todo o contexto para ser captados.

Plínio Marcos é um especialista no que faz. Ele consegue dar até três sentidos para uma mesma palavra dentro de uma das frases do livro, que só não figurou nos exemplos em função das três acepções já estarem dicionarizadas: “E as putas estavam cada vez mais putas, na puta da vida.” Seu leitor, porém, percebe esses detalhes em uma leitura mais atenta da obra, e nós, estudiosos, além desse encantamento, sabemos que ainda temos muito trabalho a fazer com esse material.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios).

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BORBA, Francisco S. (Org.) *Dicionário do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: Maria Cândida T. C. de Seabra. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 217-234.

FREITAS, Roberta. Criação lexical – a produtividade da neologia semântica na fala do brasileiro. In: *Travessias*. Disponível em: <[http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed\\_003/linguagem/CRIA%C7%C3OLEXICAL.pdf](http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_003/linguagem/CRIA%C7%C3OLEXICAL.pdf)>. Acesso em: 27 jun. 2010.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LEONEL, Maria Célia Moraes. Grande Sertão: Veredas: Alguns neologismos semânticos. *Série Encontros: Estudos sobre lexicografia*. São Paulo: Unesp, v. 41, p. 79-89, 1997.

MATO GROSSO. Justiça Federal. Processo: 2008.36.00.004657-1. Prisão temporária formulada pela Autoridade Policial. Relator: Julier Sebastião da Silva. Mato Grosso, 2008. Disponível em: <<http://s.conjur.com.br/dl/julier2.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2010.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 45 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

SOUZA, Alexandre Melo de. Mona paródica... Dá mais pinta, bonita: análise léxico-semântica da gíria dos homossexuais de Fortaleza.

*Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 15, n. 44, 2009. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/44/07.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2010.